

CLAUDINE NA ESCOLA



Colette
e Willy

CLAUDINE NA ESCOLA

Tradução de **Juçara Valentino**



Meia Azul
EDITORA

AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL
Liberté
Égalité
Fraternité

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication année 2024 Carlos Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil, bénéficie du soutien du Ministère de l´Europe et des Affaires étrangères.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação ano 2024 Carlos Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil, contou com o apoio do Ministério francês da Europa e das Relações Exteriores.

COLEÇÃO

Meia Azul

Bas-bleu ou ***bluestocking*** ("meias azuis", em tradução livre): antiga expressão pejorativa para desdenhar de mulheres escritoras, que ousassem expressar suas ideias e contar suas histórias em um ambiente dominado pelos homens. Com a ***Coleção Meia-azul***, voltada para narrativas de mulheres, queremos reconhecer e ampliar a voz dessas desbravadoras.



PREFÁCIO



A IRREVERÊNCIA DE UM PROTAGONISMO EM VIDA E OBRA

por MELLORY FERRAZ

Se algum leitor desavisado começar *Claudine na escola* esperando uma história recatada porque ouviu dizer que Sidonie-Gabrielle Colette (1873-1954) é uma das maiores escritoras da França do século XX, muito se surpreenderá com uma grande balbúrdia acontecendo. O inesperado, aqui, é capaz de prender a nossa atenção e de nos maravilhar diante de uma protagonista autêntica e espontânea, a qual provoca inúmeros episódios humorísticos e interessantes. Então, sim, trata-se de um livro espirituoso, dentro de uma obra vasta, notável e canônica.

Publicado em 1900, *Claudine na escola* é o primeiro de uma série de livros protagonizados pela heroína titular, seguido por *Claudine à Paris* (1901), *Claudine en ménage* (1902), *Claudine s'en va* (1903) e, por último, *La Retraite Sentimentale* (1907). Embora todos eles tenham sido escritos por Colette, somente o último teve essa autoria reconhecida logo na sua publicação – os quatro primeiros vieram à tona assinados por Willy, pseudônimo do primeiro marido

da autora, Henry Gauthier-Villars (1859-1931). Willy foi reconhecidamente um homem de vida boêmia, agitador cultural da *Belle Époque* cujos pais possuíam uma editora e, em termos literários, um "autor" que existiu por meio de diversos *ghostwriters*; não à toa, os livros de Colette passam a ser assinados apenas por ela somente a partir de 1913. Assim, a série *Claudine* foi assinada inicialmente por "Willy" e finalizada por "Colette Willy" – nome que aparece na capa de outros livros da escritora até muito depois do divórcio do casal, finalizado em 1910.

Mulher que passou por dois divórcios, atuou na escrita e nos palcos da vida boêmia parisiense, Colette teve uma vida privada tão famosa quanto seus livros – seus relacionamentos com pessoas de ambos os sexos se colocando como uma das fontes da curiosidade do público em relação à sua intimidade. Ela foi, além da escritora de dezenas de obras, uma jornalista bastante articulada e lida (seus artigos transitavam dos periódicos mais conceituados, como o *Le Matin* e o *Le Figaro*, aos mais populares, a exemplo da *Vogue*, da *Marie-Claire* e da *Elle*), bem como a primeira presidente mulher da Academia Goncourt. No entanto, não foi aceita pela Academia Francesa de Letras porque era mulher, acontecimento semelhante à recusa da Academia Brasileira de Letras em aceitar a candidatura da escritora Julia Lopes de Almeida (1862-1934), intelectual muito lida pelos seus contemporâneos brasileiros, assim como Colette na França.

Seus livros são conhecidos por retratar sua época e costumes sociais, e ela não se esquivava de abordar os acontecimentos históricos neles. Os temas cercavam a vivência da mulher francesa, da infância ao envelhecimento – sendo Colette, por exemplo, uma das poucas escritoras que, na ficção, abordou a menopausa (em seu livro *La Naissance du Jour*, de 1928). E não menos importante de ser mencionado

é o caráter amplo que as suas histórias alcançaram, já que a literatura de Colette pode ser vista tanto como canônica quanto popular. Mas não deixemos que se confunda esse modo de ver a literatura como algo dicotômico, ou seja, que digam que ou um livro é uma obra canônica, ou comercial, como se não pudesse ser ambas as coisas. Colette mostra como essa separação serve apenas a um público que dá valor à chamada "alta literatura", perdendo muito nessa enganosa mania de hierarquizar a ficção.

De qualquer maneira, Colette foi uma figura intelectual extremamente popular em sua época, e aclamada pelos principais nomes da história da literatura francesa, como André Gide (1869-1951) e Marcel Proust (1871-1922) – este tendo enviado uma carta a ela, após ler *Mitsou* (1919), dizendo que há muito tempo não chorava com um livro[1].

É justamente essa escritora que levou Proust às lágrimas que se tornou uma febre literária e sucesso comercial com os seus primeiros livros. Outra questão importante é que ela incluía traços autobiográficos em grande parte de sua obra, sendo a série *Claudine* baseada na sua própria juventude. Assim como se sabe que Willy a coagiu a começar a escrita de *Claudine à l'école*, a própria autora contou, em seu livro *Mes Apprentissages* (1936), que ele pediu por um livro que fosse influenciado por detalhes "*piquants*" de sua adolescência. Porém, por mais que se possa traçar correspondências entre a ficção e a biografia, a própria Colette declara, em entrevista a André Parinaud para a revista *Hommes et Mondes* (antiga

1 HOLMES, Diana. "Colette: The Middlebrow Modernist." Middlebrow Matters: Women's Reading and the Literary Canon in France since the Belle Époque, Liverpool University Press, 2018, p. 75.

Revue de Deux Mondes), que Claudine "Sou eu e não sou eu"[2], uma forma bastante amigável de quem ela foi quando jovem.

Este primeiro livro da série *Claudine* conta ao leitor, sob a perspectiva da jovem, seus dias letivos de antes, durante e após o exame do *Brevet Élémentaire*, que à época se tratava de uma certificação dos estudos submetida aos alunos quando completavam dezesseis anos (e, principalmente, às meninas). Junto de suas colegas de sala, Anaïs, Marie e Luce, a protagonista retrata a escola pública do interior da França do século XIX, tendo o campo como um local de refúgio daquilo que tanto a exasperava no ambiente escolar.

Porém, como se trata de uma narrativa em primeira pessoa, são os sentimentos e o julgamento de Claudine de tudo o que vive em sala de aula que chamam a atenção. Ela é uma jovem irreverente, imperativa e agressiva que escandaliza todo mundo ao seu redor – bem, não somente ao seu redor; ela possui uma fama que corre a França inteira, aparentemente. A certa altura do livro, depois de um período de bastante ansiedade para as garotas, elas viajam à capital, Paris, para essa prova tão importante que é o *Brevet*. Vão acompanhadas da diretora da escola, a senhorita Sergent, e lá encontram concorrentes de outras escolas do país. Ao conversar com uma menina que acaba de conhecer, ouve dela a seguinte revelação ao se apresentar:

> Faz muito tempo que "falam" de você. Sou da escola de Villeneuve. Nossas professoras diziam: "É uma moça inteligente, mas astuta como uma raposa e cujos modos de

---

2 "C'est moi et ce n'est pas moi. Cela a peut-être été un petit moi d'autrefois, assez simpathique". PARINAUD, ANDRÉ. "Dialogue Avec... COLETTE." Hommes et Mondes, no. 79, 1953, p. 241.)

> menino não devem ser imitados, nem os cabelos. Porém, se ela quiser, será uma concorrente perigosa no exame". Em Bellevue também todos conhecem você, dizem que você é meio doida e excêntrica em demasia.

Essa opinião externa corresponde à das próprias amigas de Claudine. Uma delas, Marie Belhomme, chega a lhe dizer que "... todos sabem que suas ideias nunca são iguais às dos outros", o que contribui para a imagem que o leitor forma da protagonista. Ela é, aliás, uma leitora ávida, conhecida por todos como alguém que vive na biblioteca do pai e com a cara nos livros, e percebemos como isso ratifica a ideia que todos têm dela como uma jovem respondona e de observações inteligentes.

Além disso, uma das temáticas mais presentes no livro é a da bissexualidade como descoberta. Tudo começa com a paixão que Claudine desenvolve pela sua professora, a senhorita Aimée, quem tenta lhe dar aulas particulares de inglês. O que a protagonista mais aprende nessas sessões é a se descobrir viciada na existência da outra e, consequentemente, desiludida quando é preterida por ela. Descobre, também, e depois de muito bisbilhotar, que a professora se envolve romanticamente com a diretora Sergent, ao mesmo tempo em que fica noiva do novo professor-assistente, Armand Duplessis. Sempre atenta e observadora do comportamento alheio, Claudine busca entender Aimée e, em certo momento, chega à conclusão de que "certamente ela não deseja apenas mulheres".

Outro grande assunto de *Claudine na escola* é justamente a educação formal, muitas vezes criticada pela própria protagonista, que vive escancarando as irregularidades que testemunha na escola. Como ela mesma diz, "um monte de coisas suspeitas e ignoradas pelos pais". De fato, as encarregadas

pela educação das garotas – a senhorita Aimée e a senhorita Sergent – sempre dão um jeito de ficar a sós em horário de trabalho, deixando tanto as alunas mais velhas quanto as mais novas sozinhas e sem supervisão. Esse comportamento é foco de muita reprimenda por parte de Claudine, que, claro, sente ciúme de Aimée. Por isso mesmo suas críticas são ácidas e certeiras: há muitas cenas das superioras pegas no flagra em momentos escandalosamente íntimos. Cenas, inclusive, de envolvimento sexual explícitas, não codificadas como as obras da época faziam a respeito desse assunto.

Mas não é apenas esse viés totalmente influenciado pelos próprios sentimentos amorosos de Claudine que contribui para um retrato negativo do colégio. O próprio ensino cotidiano que é aplicado às meninas o faz – um cotidiano negligente que foca mais em repetições e fórmulas vazias de pretenso aprendizado, além da presença abusiva dos homens que fazem parte da administração do ambiente escolar. Dessa forma, como Stephanie Schechner pontua, a educação formal é apresentada "como uma piada, algo do qual escapar sempre que possível e para certamente não ser levado a sério"[3].

Muita coisa muda quando, em determinado momento, a irmã mais nova de Aimée, Luce, se torna colega de sala de aula de Claudine e, mais especificamente, sua dupla de carteira e confidente. Na realidade, Luce praticamente implora pela atenção e afeição de Claudine, que a maltrata o tempo todo, embora exercendo uma atração manipuladora em

---

3 SCHECHNER, Stephanie. "A Delicate Balance: Becoming a Woman and a Writer in Colette's Claudine à l'école and La Maison de Claudine." Dalhousie French Studies, vol. 67, 2004, p. 77.

relação à garota, para dela extrair informações confidenciais sobre a irmã que ama.

Uma ideia muito interessante para nós, leitores de *Dom Casmurro* (Machado de Assis), apontada por Diana Holmes[4] a respeito da narrativa de Claudine é que, pela protagonista enfrentar todo mundo (seja homem ou mulher, colega de escola ou inspetor público) sem grandes temeridades, temos uma narrativa que podemos enxergar como confiável. Como se, por se mostrar sincera, mesmo que por meio da desobediência (ou justamente por conta disso), ela conquistasse a confiança do leitor – algo que acaba acontecendo. Sua irreverência transborda para a forma como conta suas peripécias, nos cativando enquanto personagem, protagonista e, também, narradora.

Tal característica enérgica de Claudine conversa muito com o fato de que ela vive uma vida para além dos muros da escola, já que não é uma interna como a maioria de suas amigas. Ela transita entre a casa de seu pai, onde mora, e o ambiente escolar, algumas vezes passeando por cenários campestres pelo caminho ou quando tem vontade. Isso acontece de estar atrelado a uma maior autonomia dela sobretudo porque, tendo sua mãe falecido, a ausência de seu pai em sua criação é ainda mais significativa. Um exemplo disso é quando, ao participar de uma comemoração da escola, dispensa seu pai de ir vê-la cantar, dizendo que ele "Não precisa mudar seus hábitos". Não nos parece que ela se ressente dessa falta de interesse da figura paterna, sendo a primeira a desobrigá-lo de estar presente em sua vida. O tom de sua narrativa, ao tratar de suas conversas com ele, é de autossuficiência, o que se estende para a maioria dos

4 HOLMES, op. cit., p. 64.

acontecimentos, como quando ela dá um jeito de fazer o que bem entender em Paris, mesmo a contragosto da senhorita Sergent. Sobre isso, a própria Claudine reflete: "Diziam, quando eu era pequena, que eu tinha olhos de adulto. Mais tarde, eram olhos 'impróprios'. Não se pode agradar a todos e a si mesma. Prefiro agradar-me primeiro..."

Então não surpreende quando Claudine compartilha suas previsões para o futuro: "Vou deixar a escola, papai vai me enviar a Paris para morar com uma tia rica e sem filhos, farei minha entrada no mundo e cometerei mil gafes ao mesmo tempo... Como vou me adaptar sem o campo, com esse desejo de verde que raramente me abandona?". Os anos seguintes de sua vida serão retratados nos próximos livros da série, e aqui Claudine está só sonhando com o que ainda virá, mas é curioso ver que ela tem uma ideia até que madura para o que pode enfrentar quando sair de casa, ou seja, inevitavelmente cometer alguns erros inerentes à juventude.

Já a irreverência de Colette está atrelada à sua inovação ao tratar, em seus escritos, sobre o corpo e o desejo físico da mulher, não se limitando à parte psicológica e emocional de suas personagens. Em uma época na qual esse não era um tópico bem recebido, ou apenas permitido se o sujeito desejante fosse um homem, protagonistas como Claudine surgem como uma abordagem genuína da vivência e formação de uma mulher como ela em sociedade.

Então são protagonistas como Claudine e as temáticas de transgressão e liberdade associadas a elas que fazem da obra de Colette um objeto bastante estudado e lido pela perspectiva feminista. Afinal, "ela é a escritora mais citada em *Le deuxième sexe*, de Simone de Beauvoir, a autora de língua não inglesa mais frequente nas antologias americanas de escrita feminina dos anos 1970 e um dos três únicos

exemplos citados por Hélène Cixous de *écriture féminine*."[5] E, embora Colette negasse ser feminista e evitasse falar de política em suas entrevistas, a sua própria vida como uma mulher sexualmente livre e independente, inclusive em termos financeiros, contribuiu para a leitura das temáticas transgressoras que se é possível fazer de suas obras. Isso mostra as diversas facetas e complexidades de sua vida e obra – que com certeza impactaram a sociedade de sua época, e permanece, até hoje, como uma grande contribuição à literatura.

Mellory Ferraz é formada em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e possui mestrado em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF) financiado por bolsa CAPES, com pesquisa a respeito do fluxo da consciência na obra da escritora modernista Virginia Woolf. Em 2010, fundou o Literature-se, um canal no YouTube e redes sociais (como Instagram e TikTok) voltado ao incentivo à leitura, reunindo uma comunidade com mais de 190 mil seguidores. Já atuou como professora de literatura e redação, e também como revisora de textos acadêmicos e literários.

---

5 ANTONIOLI, Kathleen. "Colette Française (et Fille de Zouave): Colette and French Singularity." French Politics, Culture & Society, vol. 38, no. 1, 2020, p.116.



CAPÍTULO 1



Meu nome é Claudine e moro em Montigny, onde nasci em 1884. Provavelmente não morrerei no mesmo lugar. Meu *Manual de Geografia Departamental* diz assim: "Montigny-en-Fresnois, bela cidadezinha de 1950 habitantes, construída em formato circular à beira do rio Thaize, onde é possível admirar uma torre sarrasine bem conservada..." Essas descrições não significam nada para mim! Em primeiro lugar, não tem rio Thaize nenhum. Sei bem que ele deveria atravessar os prados abaixo da passagem de nível, mas em nenhuma estação do ano é possível encontrar água suficiente para lavar as patas de um pardal. Montigny construída "em círculo"? Não, eu não vejo dessa forma. Para mim, são casas que se amontoam do alto da colina até a parte de baixo do vale, estendendo-se em degraus abaixo de um grande castelo reconstruído durante o reinado de Luís XV, que já está mais deteriorado do que a torre sarrasine, baixa, coberta de hera e cujo topo, dia após dia, desfaz-se mais um pouco. Trata-se de um vilarejo, não de uma cidade: as ruas, graças aos céus, não são pavimentadas: chuvas fortes correm por elas como pequenas correntezas que secam depois de duas horas. É um vilarejo nem tão bonito assim, mas que, no entanto, eu adoro.

O charme, o deleite desta região, repleta de colinas e vales tão estreitos quanto ravinas, são os bosques, os bosques profundos e extensos que se precipitam e serpenteiam até lá embaixo, tão longe quanto a vista alcança... As pastagens

verdes às vezes os invadem, as pequenas plantações também, não muitas. Os bosques exuberantes tomam conta de tudo. Isso acaba por tornar esse belo território terrivelmente pobre, com poucas chácaras espalhadas, bem poucas, apenas alguns telhados vermelhos para realçar o verde aveludado dos bosques.

Amados bosques! Conheço todos eles, tantas vezes os percorri. Há regiões de talhadia, com arbustos que arranham nosso rosto de propósito quando passamos. Elas são cheias de sol, morangos, lírios-do-vale e também de serpentes. Quase morri de medo ao ver deslizar diante dos meus pés esses pequenos e atrozes corpos lisos e frios, vinte vezes parei ofegante ao encontrar debaixo de minha mão, perto da malva-rosa, uma cobra bem esperta, geralmente enrolada em espiral, com os pequenos olhos dourados olhando para mim. Ela não é perigosa, mas que aflição! De qualquer forma, sempre acabo voltando lá sozinha ou com algumas amigas. Na maioria das vezes sozinha, porque essas mocinhas melindrosas me irritam. Elas têm medo de se arranhar nos espinhos, dos bichinhos, das lagartas peludas e das aranhas das azaleias, tão bonitas, redondas e rosadas que parecem pérolas. Elas gritam, ficam cansadas – enfim, insuportáveis.

E há também meus preferidos, os grandes bosques de dezesseis e vinte anos. Fico com o coração apertado quando cortam algum deles. Nesses não há arbustos, mas árvores que parecem colunas e caminhos estreitos nos quais parece noite ao meio-dia, nos quais a voz e os passos ecoam de forma inquietante. Meus Deus, eu os amo tanto! Lá, sinto-me completamente sozinha, os olhos se perdem ao longe entre as árvores na claridade verde e misteriosa, ao mesmo tempo deliciosamente tranquila e um pouco aflitiva em razão da solidão e da escuridão imprecisa... Não há bichinhos nesses grandes bosques, nem capim alto, apenas uma

terra batida, ora seca, sonora, ora macia devido às nascentes. Há coelhos de costas brancas que passam pelo caminho; e veados assustados, cuja passagem apenas se adivinha por correrem muito rápido; grandes faisões pesados, vermelhos, dourados; javalis (nunca vi um); lobos – ouvi um, no início do inverno, enquanto colhia faias, aquelas boas castanhas oleosas que coçam a garganta e fazem tossir. Às vezes, tempestades surpreendem-nos nesses grandes bosques, então escondemo-nos debaixo de um carvalho mais robusto que os outros e, sem dizer uma palavra, escutamos a chuva estalar lá em cima, como sobre um telhado, bem protegidas. Saímos dessas profundezas deslumbradas e desorientadas, incomodadas com a luz do dia.

E os bosques de abetos! Pouco profundos e pouco misteriosos, gosto deles por causa do cheiro, por causa das azaleias rosas e violetas que crescem no chão e por causa de como cantam ao vento. Antes de chegar lá, é preciso atravessar matas densas e, de repente, temos a deliciosa surpresa de chegar à beira de um lago, um lago liso e profundo, cercado por todos os lados pelos bosques, tão longe de tudo! Os abetos crescem em uma espécie de ilha lá no meio. É preciso atravessar a cavalo, corajosamente, um tronco caído que une as duas margens. Debaixo dos abetos, fazemos uma fogueira, mesmo no verão, o que é proibido, e cozinhamos alguma coisa, uma maçã, uma pera, uma batata roubada de uma plantação, um pão integral quando não há outra coisa. Tudo fica com um cheiro de fumaça amarga e resina. É horrível, mas também é uma delícia.

Durante dez anos, vivi nesses bosques aventuras surpreendentes, conquistas e descobertas; no dia em que tiver de deixá-los, ficarei muito triste.

Quando, há dois meses, chegaram meus quinze anos, aumentei minha saia até os tornozelos. A velha escola foi demolida e a professora foi trocada. As saias longas eram uma exigência de minhas panturrilhas, que atraíam a atenção e já me davam um aspecto de moça. A velha escola estava caindo aos pedaços. Quanto à professora, a pobre senhora X, quarenta anos, feia, ignorante, doce e sempre desorientada diante dos inspetores primários, o Dr. Dutertre, secretário de educação[1], precisava do cargo dela para oferecer a uma protegida dele. Por aqui, o que Dutertre quer, o ministro também quer.

Pobre escola velha, deteriorada, insalubre, mas tão divertida! Ah! Os belos prédios que estão sendo construídos não apagarão sua memória[2].

Os quartos do primeiro andar, dos professores, eram escuros e desconfortáveis. O térreo era ocupado por nossas duas salas, uma grande e uma pequena, duas salas incrivelmente

---

1 Em francês, *délégué cantonal*. Representante do Conselho Departamental do Ensino Primário, responsável por garantir boas condições de funcionamento das escolas públicas e privadas de um cantão. N. da T.

2 O novo "grupo escolar" está sendo construído há sete ou oito meses, em um jardim próximo, adquirido para essa finalidade, mas não temos nenhum interesse, até agora, nestes grandes cubos brancos que sobem aos poucos: apesar da velocidade (incomum nessa terra de preguiçosos) com que se faz a obra, as escolas não ficarão prontas, eu acho, antes da Exposição. Então, com meu *Certificado primário**, deixarei a escola – infelizmente. N. da A.

*O *Brevet de l'enseignement primaire* (Certificado do Ensino Primário) era um diploma francês que comprovava a aquisição de conhecimentos. Havia o *Brevet élémentaire* (certificado fundamental), realizado aos dezesseis anos, e o *Brevet supérieur* (certificado superior), realizado aos dezoito anos. No *Brevet élémentaire*, havia testes de ditado, redação, matemática, ginástica ou bordado, caligrafia, desenho, leitura, história, geografia, teoria musical elementar e noções básicas de ciências físicas e naturais. N. da T.

feias e sujas, com mesas como nunca voltei a ver, desgastadas pelo uso e nas quais deveríamos ter, com certeza, nos tornado corcundas após seis meses. O cheiro dessas salas, após as três horas de aulas da manhã e da tarde, era literalmente insuportável. Nunca tive colegas como eu, pois as raras famílias burguesas de Montigny mandam, de acordo com o gênero, os filhos para internatos na capital, de forma que a escola só funciona para filhas de comerciantes, de pequenos produtores, de guardas e, sobretudo, de operários. Todos muito pobres.

Eu estou nesse ambiente estranho, pois não quero ir embora de Montigny. Se eu tivesse uma mãe, sei bem que ela não me deixaria aqui nem mais um minuto, mas meu pai não se preocupa com nada, ele não cuida de mim, só do trabalho dele, e nem pensa que eu poderia ter uma educação mais adequada em um convento ou em um colégio qualquer. É impossível abrir os olhos dele!

Então, como colegas, eu tive, e ainda tenho, Claire (não colocarei o sobrenome), minha irmã de primeira comunhão, uma menina doce, com belos olhos meigos e uma alma romântica, que passou o período da escola a se apaixonar todos os sete dias (platonicamente, claro) por um novo menino e que, ainda hoje, não espera nada além de se apaixonar pelo primeiro imbecil, professor assistente ou agente de manutenção, com talento para declarações "poéticas".

E também a grande Anaïs (que certamente conseguirá atravessar as portas da Escola de Fontenay-aux-Roses, graças a uma memória prodigiosa que passa por inteligência de verdade), fria, excêntrica e tão incapaz de se emocionar que nunca fica vermelha, criatura de sorte! Ela tem um verdadeiro conhecimento da ciência do cômico e várias vezes me fez morrer de rir. Cabelos nem castanhos nem loiros, a pele amarela, sem cor nas bochechas, olhos pequenos e comprida

como um ramo de ervilha. Resumindo, uma pessoa banal. Mentirosa, malandra, dissimulada, traiçoeira, ela vai saber se virar na vida, a grande Anaïs. Aos treze anos, ela se correspondia e se encontrava com um palerma da mesma idade. Todo mundo ficou sabendo e circularam histórias que mexeram com todas as meninas da escola, menos ela. E há também as Jaubert, duas irmãs, duas gêmeas, boas alunas. Ah, como são boas alunas! Tenho vontade de esfolar as duas, de tanto que elas me irritam com tamanha esperteza, com as belas caligrafias bem-feitas e com o quão ridiculamente elas se parecem, criaturas maçantes e sem graça, com olhos de ovelha cheios de uma doçura lamuriosa. Elas estudam muito, só tiram boas notas, são convenientes, dissimuladas e têm um bafo de cola animal, eca!

Há também a Marie Belhomme, bobinha, mas tão alegre! Tão razoável e sensata aos quinze anos quanto uma criança de oito anos não muito avançada para a idade, ela é cheia de ingenuidades colossais que desarmam nossa maldade e nos fazem gostar dela.

Sempre falo muitas coisas abomináveis na frente dela porque, a princípio, ela fica sinceramente chocada e, então, um minuto depois, começa a rir de todo o coração, erguendo as mãos longas e estreitas para o teto, "mãos de parteira", diz a grande Anaïs. Morena e pálida, longos olhos negros e úmidos, Marie se parece, com aquela cara de inocente, com uma bela lebre medrosa. Essas quatro e eu formamos, neste ano, o grupo invejado por todas; atualmente, acima das "grandes", almejamos o certificado fundamental. Todas as outras, aos nossos olhos, são a escória, pessoas sem importância! Vou apresentar algumas outras colegas ao longo deste diário, pois definitivamente é um diário, ou quase, o que vou começar...

A senhora X, ao receber o aviso de substituição, chorou um dia inteiro, a pobre mulher – e nós também –, o que causou em mim uma sólida aversão à sua substituta. Ao mesmo tempo em que os demolidores da velha escola apareciam nos pátios de recreio, chegava a nova professora, a senhorita Sergent, acompanhada pela mãe, uma mulher gorda e de chapéu, que cuida e tem orgulho da filha, e que me dava a impressão de ser uma camponesa astuta, conhecedora do preço da manteiga, mas que no fundo não era má. A senhorita Sergent, por outro lado, parece tudo, menos amigável, e tenho um mau pressentimento sobre essa ruiva bem-proporcionada, de cintura e quadris arredondados, mas de uma feiura evidente. O rosto inchado e sempre ruborizado, o nariz um pouco achatado entre dois pequenos olhos negros, fundos e desconfiados. Ela ocupa um quarto na antiga escola que não será demolida imediatamente, assim como sua auxiliar, a bela Aimée Lanthenay, que me agrada tanto quanto sua superior me desagrada. Contra a senhorita Sergent, a intrusa, mantenho atualmente uma atitude feroz e rebelde. Ela já tentou me conquistar, mas relutei de forma quase insolente. Depois de algumas pendengas acaloradas, tenho de reconhecer que ela é uma excelente professora, clara, quase sempre autoritária, de uma determinação que seria admiravelmente sábia se não fosse, às vezes, ofuscada pela irritação. Com mais autocontrole, essa mulher seria admirável. Mas quando a desafiamos: os olhos faíscam, os cabelos ruivos encharcam-se de suor...Anteontem, eu a vi sair para não jogar um tinteiro na minha cabeça.

Durante o recreio, como o frio úmido deste outono desagradável não me anima a brincar, fico conversando com a senhorita Aimée. A intimidade entre nós cresce rapidamente. Com uma natureza de gata dengosa, delicada e impassível, incrivelmente ingênua, gosto de olhar seu rostinho rosado

de moça loira, seus olhos dourados com cílios longos. Belos olhos que só inspiram sorrisos! Eles viram a cabeça dos rapazes quando ela passa. Muitas vezes, enquanto conversamos na porta da sala lotada, a senhorita Sergent passa por nós voltando para o quarto, sem dizer nada, fixando-nos um olhar ciumento e curioso. No silêncio dela sentimos, eu e minha nova amiga, que está com raiva de nos ver "combinando" tão bem.

A jovem Aimée – ela tem dezenove anos e bate na minha orelha – é tagarela como a pensionista que ainda era há três meses atrás, com um exagero de ternura e de gestos reprimidos os quais me emocionam. Gestos reprimidos! Ela os controla por um medo instintivo da senhorita Sergent, as mãozinhas frias cerradas debaixo do casaco de pele falsa (a pobrezinha não tem dinheiro, como milhares de seus pares). Para conquistá-la, sou afetuosa, sem esforço, e faço perguntas, muito feliz de observá-la. Ela fala. É bonita, apesar ou por causa de seu rostinho irregular. As maçãs do rosto projetam-se um pouco demais e a boca, abaixo do nariz curto, é um pouco volumosa, o que faz uma marquinha engraçada à esquerda quando ri, mas ela tem maravilhosos olhos amarelo-ouro e uma pele... dessas que são delicadas aos olhos, tão firmes que nem mesmo o frio as deixa azuladas! Ela fala, e fala – do pai que é pedreiro, da mãe que a batia frequentemente, da irmã e dos três irmãos, das dificuldades na Escola Normal da capital, onde a água congelava nas jarras e onde estava sempre com sono, pois era preciso acordar às cinco da manhã (felizmente, a professora de inglês era muito gentil com ela), e das férias em família, quando era forçada a voltar a fazer as tarefas domésticas, pois diziam que ela era melhor servindo sopa do que bancando a requintada. Tudo isso aparece na tagarelice dela, toda essa juventude

de miséria suportada por ela com impaciência e da qual se lembra com horror.

Pobre senhorita Lanthenay, seu corpo maleável busca e clama por um bem-estar desconhecido; se você não fosse professora auxiliar em Montigny, talvez fosse...não quero nem dizer o quê. Como adoro ouvir e olhar para você, que é quatro anos mais velha que eu, mas de quem me sinto, cada vez mais, como a irmã mais velha!

Minha nova confidente me diz um dia que sabe bastante inglês e isso me inspira a criar um projeto simplesmente maravilhoso. Pergunto ao papai (que também ocupa o lugar de mamãe) se ele não permitiria que a senhorita Aimée Lanthenay me desse aulas de gramática inglesa. Papai acha a ideia brilhante, como a maioria de minhas ideias, e "para fechar o negócio", como ele diz, vai comigo até a casa da senhorita Sergent. Ela nos recebe com uma gentileza inabalável e, enquanto papai explica-lhe o projeto *dele*, parece estar de acordo, mas sinto uma vaga preocupação por não ver os olhos dela enquanto fala. (Rapidamente percebi como os olhos dela sempre traduzem seus pensamentos, ela não consegue evitar, e sinto-me ansiosa ao notar que os mantém obstinadamente baixos.) Chamam a senhorita Aimée, a qual desce rapidamente, corada e repetindo "Sim, senhor" e "Certamente, senhor", sem pensar muito no que diz, enquanto eu olho para ela, bastante feliz com minha artimanha, e me alegro ao pensar como, de agora em diante, a terei comigo de forma mais íntima do que na porta da pequena sala. Preço das aulas: quinze francos por mês, duas sessões por semana. Para essa pobre e humilde assistente, que ganha setenta e cinco francos por mês e paga a própria pensão com isso, é uma sorte inesperada. Também acho que ela gosta da ideia de estar comigo com mais frequência. Durante a visita, troco apenas duas ou três frases com ela.

Primeiro dia de aula! Espero depois da aula enquanto ela reúne os livros de inglês e partimos para minha casa! Montei um cantinho confortável para nós duas na biblioteca do papai, uma mesa grande, cadernos e bicos de pena, com uma boa luminária que só ilumina a mesa. A senhorita Aimée, muito constrangida (por quê?) cora, pigarreia:

– Então, Claudine, imagino que você conheça o alfabeto?

– Claro, senhorita, eu também sei um pouco de gramática, poderia até fazer uma pequena tradução para o inglês... Estamos bem instaladas aqui, não estamos?

– Sim, muito bem.

Então pergunto, abaixando um pouco a voz para assumir o tom de nossas conversas:

– A senhorita Sergent falou alguma coisa sobre nossas aulas?

– Ah! quase nada. Ela me disse que era uma oportunidade para mim, que você não me daria trabalho se estudasse um pouco e que você aprendia com muita facilidade quando queria.

– Só isso? Não é muito! Ela sabia que você me contaria.

– Vamos, Claudine, não estamos estudando. Não existe apenas um artigo em inglês...etc., etc.

Depois de dez minutos de inglês de verdade, volto a fazer perguntas:

– Você não percebeu que ela não parecia satisfeita quando eu fui com o papai pedir para ter aulas com a senhorita?

– Não...Quero dizer...Talvez, mas quase não nos falamos naquela noite.

– Tire o casaco, é muito abafado aqui no escritório do papai. Ah! Como você é magrinha, parece que vai quebrar! Seus olhos ficam muito bonitos com essa luz.

Digo isso porque é o que eu penso e também porque gosto de elogiá-la, mais do que de receber elogios. Então pergunto:

– Você sempre dorme no mesmo quarto que a senhorita Sergent?

Acho essa combinação detestável, mas não há o que fazer! Todos os outros quartos já estão sem mobília e o telhado já começou a ser retirado. A pobre moça suspira:

– Não tem outro jeito, mas é muito constrangedor! À noite, às nove horas, eu vou para a cama imediatamente, bem rápido, e ela vai para a cama depois, mas ainda assim é desagradável, quando não se fica à vontade junto.

– Ah, eu sinto muito por você! Deve ser muito incômodo ter de se vestir na frente dela de manhã! Eu odiaria aparecer de camisola na frente de pessoas que não gosto!

A senhorita Lanthenay sobressalta-se, puxando o relógio:

– Mas enfim, Claudine, não estamos estudando nada! Então, ao trabalho!

– Sim...Você sabia que estamos aguardando novos professores assistentes?

– Eu sei, dois. Eles chegam amanhã.

– Vai ser divertido! Dois pretendentes para você!

– Ah, não diga bobagens. Em primeiro lugar, todos os que vi até hoje eram tão estúpidos que não me interessavam minimamente. Já sei os nomes deles, são nomes ridículos: Antonin Rabastens e Armand Duplessis.

– Aposto que esses moleques vão passar pelo nosso pátio vinte vezes por dia, com o pretexto de que a entrada dos meninos está coberta de entulho...

– Claudine, escute, é uma vergonha, não fizemos nada hoje.

– Ah, o primeiro dia é sempre assim. Nossa aula será muito melhor na próxima sexta-feira, precisamos de tempo para nos ambientar.

Apesar do argumento bastante coerente, a senhorita Lanthenay, impressionada com a própria preguiça, obrigou-me a estudar de verdade até o fim da aula. Depois, eu a

conduzi de volta até o fim da rua. Estava escuro e muito frio, fiquei com pena ao ver aquela pequena sombra ir embora naquele gelo e naquela escuridão para voltar para a casa da Ruiva de olhos invejosos.

Naquela semana, tivemos horas de pura alegria, pois nós, as alunas maiores, fomos encarregadas de esvaziar o sótão, trazer de lá os livros e os velhos objetos que o entulhavam. Tivemos de nos apressar; os pedreiros esperavam para demolir o primeiro andar. Foi uma correria louca pelos sótãos e pelas escadas. Mesmo com o risco de sermos punidas, nos aventurávamos, a grande Anaïs e eu, a subir as escadas que conduziam aos quartos dos professores, na esperança de finalmente ver os dois novos professores assistentes os quais permaneceram invisíveis desde que haviam chegado...

Ontem, em frente a um alojamento entreaberto, Anaïs empurrou-me, eu tropecei e abri a porta com a cabeça. Então rimos e ficamos paradas na porta do quarto, exatamente o quarto de um auxiliar, por sorte, sem o inquilino; nós o inspecionamos rapidamente. Na parede e na lareira, grandes cromolitografias com molduras simples: uma italiana de cabelos fartos, dentes brilhantes e boca três vezes menor que os olhos; pendurada, uma loira vibrante abraçando um cocker spaniel contra o corpete de fitas azuis. Acima da cama de Antonin Rabastens (ele pregou o nome na porta com quatro tachinhas), bandeirolas cruzam-se nas cores da Rússia e da França. Além disso, uma mesa com uma tigela, duas cadeiras, panfletos presos em cortiça, romances espalhados sobre a lareira e nada mais. Olhamos tudo sem dizer nada e de repente saímos correndo em direção ao sótão, apavoradas pelo medo insensato de que o tal Antonin (ninguém se chama Antonin!) subisse as escadas; o barulho de nossos passos naquelas escadas proibidas é tão alto que

uma porta se abre no térreo, a porta da sala dos rapazes, e alguém aparece e pergunta com um sotaque engraçado de Marselha: "O que está acontecendo? Há meia hora ouço galopes nas escadas." Ainda temos tempo de ver um menino gordo, moreno e bochechudo...Lá em cima, em segurança, minha cúmplice me diz baixinho:

– Ei, se ele soubesse que acabamos de sair do quarto dele!

– Sim, ele não se perdoaria por ter nos decepcionado.

– Decepcionar! – retoma Anaïs com uma seriedade gelada – Ele parece ser um homem firme, que não te decepciona..

– Você é uma cara de pau!

Continuamos a esvaziar o sótão. É um deleite vasculhar aquela pilha de livros e jornais pertencentes à senhorita Sergent. Evidentemente, folheamos a pilha antes de descer com eles e noto que tem *Afrodite*[3], de Pierre Louÿs, com muitas edições do *Journal Amusant*[4]. Deliciamo-nos, Anaïs e eu, seduzidas por um desenho de Gerbault[5]: *Bruits de couloirs*, homens de terno preto empenhados em impressionar simpáticas dançarinas de ópera, que usavam collant e saia curta, agitavam-se e davam risadinhas. As outras

---

3 *Aphrodite, mœurs antiques* (Afrodite, costumes antigos), do escritor francês Pierre Louÿs (1870-1925), é um romance de costumes com cenas libertinas, cuja ação voluptuosa se desenrola na Alexandria antiga sob a égide de Afrodite, deusa grega do Amor. N. da T.

4 *Journal Amusant* foi o nome dado em 1856, por Charles Philipon, à publicação *Journal pour rire*, existente desde 1848. Era uma revista satírica francesa semanal, e consistia principalmente em charges e caricaturas satirizando os costumes sociais da época. N. da T.

5 Henry Gerbault (1863-1930) foi um pintor, ilustrador, cartazista e dramaturgo francês de muito sucesso em sua época. Alguns de seus temas preferidos eram as mulheres parisienses da Belle Époque, os soldados e as sogras, tudo tingido de uma leve ironia, deboche e um certo erotismo. N. da T.

estudantes desceram; estava escuro no sótão e nós ficamos olhando imagens que nos faziam gargalhar, como as de Albert Guillaume[6], tão intensas!

De repente, levamos um susto, porque alguém abre a porta e pergunta com uma voz irritada: "Ei! quem estava fazendo aquele barulho infernal nas escadas?" Levantamo-nos, sérias, com os braços cheios de livros, e dizemos com calma:

"Bom dia, senhor", controlando uma vontade reprimida de rir. É o professor assistente gordo com a expressão feliz de antes. Então, como somos moças que parecem ter dezesseis anos, ele pede licença e vai embora, dizendo:

"Mil desculpas, senhoritas." E pelas costas dele, vibramos silenciosamente, fazendo caretas para ele como demônios. Demoramos para descer e somos repreendidas. A senhorita Sergent me pergunta: "Mas o que é que vocês estavam fazendo lá em cima?" – Senhorita, estávamos empilhando os livros para descer com eles. Então, coloco diante dela, intencionalmente, a pilha de livros com a ousada *Afrodite* e as edições do *Journal Amusant* dobradas por cima, a imagem aparente. Ela vê de imediato e as bochechas vermelhas ficam ainda mais vermelhas, mas ela se contém rapidamente e explica: "Ah! Esses livros que vocês trouxeram são do professor, está tudo misturado nesse sótão compartilhado, vou devolvê-los." E a bronca termina ali, sem a menor punição para nenhuma de nós. Ao sair, empurro o cotovelo de Anaïs, cujos olhos pequenos estão enrugados de tanto rir:

– Do professor. Sei!

---

6 Albert Guillaume (1873-1942) foi um pintor e caricaturista francês de grande notoriedade em sua época. Suas caricaturas eram publicadas em relevantes revistas de humor de Paris, como *Gil Blas*, *Le Rire* e *Le Figaro Illustré*. N. da T.

– Imagina, Claudine, a coleção de "bobagens" que esse inocente deve ter! Se ele não acha que os bebês nascem em repolhos, é normal.

Pois o professor é um viúvo triste e sem graça, mal notamos a existência dele, que só sai da sala de aula para trancar-se no quarto.

Na sexta-feira seguinte, tive minha segunda aula com a senhorita Aimée Lanthenay. Perguntei a ela:

– Os professores assistentes já estão cortejando você?

– Ah, pois é, Claudine, eles vieram ontem para nos "saudar". O bom menino, meio convencido, é o Antonin Rabastens.

– A famosa "pérola de Canebière[7]". E o outro, como ele é?

– Magro, bonito, um rosto interessante. Seu nome é Armand Duplessis.

– Seria um pecado não o apelidar de "Richelieu[8]".

– Um nome que vai pegar entre os alunos, Claudine, sua malvada. Ele parece um selvagem. Diz apenas sim e não.

Minha professora de inglês estava adorável naquela noite, sob a luz da biblioteca. Os olhos de gata brilhavam bem dourados, maliciosos, afetuosos, eu os admirava, mas percebia que não eram bons, nem francos, nem confiáveis. Mas eles brilham com tanto fulgor naquele rosto suave e ela parecia

---

7 *La perle de la Canebière* (A pérola da Canebière) é uma comédia em um ato escrita por Eugène Labiche (1815-1888) e representada pela primeira vez em Paris, em 10 de fevereiro de 1855. A originalidade desta peça está na representação da viúva Marcasse, habitante de Marselha. Alegre, arrogante e de modos desavergonhados, esta força da natureza diz em voz alta o que pensa e o que deseja, em dialeto marselhês, muito próximo do provençal, reconstituído por Labiche. N. da T.

8 Referência a Armand Jean du Plessis, Cardeal de Richelieu, Duque de Richelieu e de Fronsac (1585-1642). N. da T.

se sentir tão bem naquela sala quente e silenciosa que já me sentia inclinada a amá-la cada vez mais, de todo o meu insensato coração. Sim, sei bem, há muito tempo, que tenho um coração insensato, mas saber não faz com que eu mude.

– E *Ela*, a Ruiva, não te disse nada esses dias?

– Não, na verdade está bem amável, acho que ela não está tão irritada quanto você pensa por ver que nos damos bem.

– Até parece! Você nunca reparou nos olhos dela! Eles não são tão bonitos quanto os seus e são muito maldosos... Senhorita bobinha, você é mesmo uma graça!

Ela fica muito vermelha e me diz sem nenhuma convicção:

– Estou começando a achar que você é meio doidinha, Claudine. Disseram-me tanto isso!

– Sim, eu sei que dizem isso, mas e daí? Estou feliz de estar com você. Conte-me sobre seus pretendentes.

– Não tenho nenhum! Sabe, acho que vamos ver os dois auxiliares com frequência: Rabastens me parece muito "pândego" e carrega o colega Duplessis com ele. Você sabia também que certamente trarei minha irmã caçula para ser pensionista aqui?

– Eu de fato não estou interessada em sua irmã. Que idade ela tem?

– Sua idade, alguns meses mais nova, faz quinze anos esses dias.

– Ela é legal?

– Não muito, você verá: um pouco tímida e arisca.

– Deixa a sua irmã para lá! Olha, eu me encontrei com o Rabastens no sótão, ele foi lá de propósito. Ele tem um forte sotaque de Marselha, o gordo do Antonin!

– Sim, mas ele não é muito feio...Olha, Claudine, vamos estudar, você não fica com vergonha? Leia isso e traduza.

Por mais que ela fique indignada, a aula não avança muito.

Dou um beijo nela ao nos despedirmos.

No dia seguinte, durante o recreio, para me aborrecer, Anaïs estava dançando na minha frente uma dança demoníaca, enquanto mantinha o rosto sério e frio. De repente, Rabastens e Duplessis surgem na entrada do pátio.

Como Marie Belhomme, a grande Anaïs e eu estávamos lá, esses senhores nos cumprimentaram e nós respondemos com um gesto frio. Eles entraram na sala grande, onde as senhoritas corrigem os cadernos, e os vimos conversando e rindo com elas. Então, sinto uma necessidade urgente e repentina de pegar meu casaco, que deixei em minha carteira, e me precipito pela sala, empurrando a porta, como se nem imaginasse que aqueles senhores pudessem estar lá. Paro na porta fingindo estar confusa. A senhorita Sergent me desacelera dizendo "Devagar, Claudine", batendo em uma jarra. Retiro-me em silêncio, mas tenho tempo de ver que a senhorita Aimée Lanthenay ria enquanto conversava com Duplessis e fazia gracinhas para ele. Espere só, moreno pavoroso, amanhã ou depois haverá uma canção sobre você, ou trocadilhos fáceis, ou apelidos. Isso vai ensiná-lo a seduzir a senhorita Aimée. Mas...o que é isso? Estão me chamando? Que sorte! Eu volto, com um ar dócil:

– Claudine – explica a senhorita Sergent – venha ler esta partitura. O senhor Rabastens é músico, mas não tanto quanto você.

Como ela é adorável! Que reviravolta! A *partitura* é uma ária do *Chalet*[9] muito chata. Nada bloqueia mais a minha voz do que cantar na frente de pessoas que não conheço, então, interpreto com clareza, mas com uma voz ridiculamente trêmula que se fortalece, graças a Deus, no fim da peça.

– Ah, senhorita, permita-me parabenizá-la, você *ttem* uma força!

Protesto mostrando mentalmente a língua para ele, a *línngua*, como ele diria. E vou me juntar às *otras*[10] (é contagioso) que me recebem ressentidas.

– Oi, querida! – ironiza a grande Anaïs – Espero que tenha caído nas graças deles! Você deve ter causado um efeito intenso nesses senhores e nós os veremos com frequência.

As irmãs Jaubert zombam dissimuladamente, com inveja.

– Então me deixe em paz, não precisa fazer toda uma história só porque eu cantei uma coisinha. Rabastens é sulista, muito sulista, uma raça que detesto. E o Richelieu, se voltar com frequência, sei bem por quem será.

– Quem ?

– A senhorita Aimée, claro! Ele estava devorando-a com os olhos.

– Veja bem – sussurra Anaïs – então não será dele que você terá ciúmes, mas dela...

---

9 No século XIX e no início do XX, muitas canções populares e peças musicais eram associadas a ambientes rurais e rústicos, como os chalés, que evocavam um sentimento de simplicidade e tranquilidade. Portanto, o termo "air du Chalet" provavelmente se refere a uma canção popular ou folclórica que se encaixa no cenário campestre ou pastoral, refletindo o ambiente e a cultura local. Com frequência, essas canções tinham temas bucólicos ou retratavam a vida simples no campo. N. da T.

10 A autora tenta marcar na escrita o que seria o sotaque do Midi, sul da França. N. da T.

Essa peste da Anaïs! Percebe tudo e o que não percebe, inventa!

Os dois auxiliares voltam ao pátio. Antonin Rabastens, expansivo e comunicativo, o outro, tímido, quase arredio. Eles precisam ir embora, o sinal vai tocar e os meninos fazem tanto barulho no pátio ao lado que parecem estar em um caldeirão de água fervendo. O nosso sinal toca e eu falo com Anaïs:

– Faz muito tempo que o secretário de educação não vem aqui, não é mesmo? Aposto que ele virá esta semana.

– Ele chegou ontem, certamente virá bisbilhotar um pouco por aqui.

Dutertre, secretário de educação, também é médico das crianças do orfanato que, em sua maioria, frequentam a escola. Essa dupla função autoriza-o a nos visitar e Deus sabe o quanto ele se aproveita disso! Algumas pessoas dizem que a senhorita Sergent é amante dele, mas não sei de nada. Aposto que ele deve dinheiro a ela. Campanhas eleitorais custam caro e Dutertre, esse pé-rapado, insiste, e fracassa persistentemente, em substituir o antigo cretino, mudo e milionário, que representa os eleitores de Fresnois na Câmara. Que essa ruiva impetuosa é apaixonada por ele, eu tenho certeza! Ela treme de raiva e ciúmes quando percebe que ele se encosta em nós com muita insistência.

Pois, eu repito, ele nos honra com frequência com suas visitas, senta-se nas mesas, comporta-se de maneira estranha, fica perto das moças maiores, em especial de mim, lê nossos deveres de casa, enfia o bigode em nossas orelhas, acaricia nosso pescoço e aborda-nos com intimidade (ele nos viu tão pequenas!), fazendo brilhar os dentes de lobo e os olhos negros. Nós achamos que ele é muito amável, mas sei que é tão canalha que não fico nem um pouco tímida diante dele, o que escandaliza minhas colegas.

É dia de aula de costura. Puxamos a agulha preguiçosamente conversando em voz baixa. Então, os flocos de neve começam a cair. Que sorte! Vamos escorregar, cair muito e fazer guerras de bolas de neve. A senhorita Sergent olha para nós sem nos ver, com a mente em outro lugar.

Toc! Toc! na janela. Através das plumas giratórias de neve, vemos Dutertre batendo, envolto em peles dos pés à cabeça, fazendo-se de bom moço, com os olhos brilhantes e os dentes sempre à mostra. A primeira fila (eu, Marie Belhomme e a grande Anaïs) se agita. Arrumo meus cabelos nas têmporas, Anaïs morde os lábios para deixá-los vermelhos e Marie aperta um pouco o cinto. As irmãs Jaubert juntam as mãos, como duas imagens de primeira comunhão: "Eu sou o templo do Espírito Santo".

A senhorita Sergent levantou-se tão abruptamente que derrubou a cadeira e o banquinho para correr e abrir a porta. Diante de tanta agitação, dou uma gargalhada e Anaïs aproveita o tumulto para me beliscar, fazer caretas demoníacas para mim enquanto mastiga o carvão vegetal e a borracha. (Embora proibida dessas extravagâncias alimentares, durante o dia inteiro ela tem os bolsos e a boca cheios de pedaços de lápis, borracha preta e fedida, carvão vegetal e papel mata-borrão rosa. Giz, grafite, tudo isso lota o estômago dela de maneira estranha. Certamente são esses alimentos que dão a ela uma cor de madeira e gesso cinza. Eu, pelo menos, só como papel de cigarro e, ainda assim, de uma marca específica. Mas a grande Anaïs dá um prejuízo tão grande à cidade a qual nos fornece os materiais escolares, pedindo novos "suprimentos" todas as semanas, que no momento do retorno às aulas, o conselho municipal fez uma reclamação.)

Dutertre sacode o casaco e a boina de peles, polvilhados de neve. Parece até que é a pelagem natural dele. A senhorita Sergent resplandece de tanta alegria ao vê-lo, que nem

pensa em verificar se estou olhando para ela. Ele bajula a senhorita Sergent com um sotaque serrano, sonoro e rápido, que atiça a turma. Inspeciono minhas unhas e coloco meus cabelos em evidência, pois o visitante olha bastante em nossa direção. Nossa Senhora! Somos moças de quinze anos e, se meu rosto parece de uma menina, minha cintura, definitivamente, é de uma moça de dezoito anos. Meus cabelos também merecem ser mostrados, pois formam mechas cacheadas e oscilantes, cuja cor muda, de acordo com o tempo, entre o marrom-escuro e o dourado-escuro e contrasta com meus olhos castanhos-café, mas não de forma discrepante. Completamente cacheados, chegam quase até a minha cintura. Nunca usei trança ou coque, pois coques me dão dor de cabeça e tranças não emolduram bem o meu rosto. Quando brincamos de pega-pega, junto completamente meus cabelos, pois eles me tornariam uma presa fácil, e faço um rabo de cavalo. No fim das contas, não fica mais bonito assim?

A senhorita Sergent finalmente interrompe o diálogo animado com o secretário de educação e lança: "Senhoritas, vocês estão se comportando muito mal." Para se manifestar sobre essa análise, Anaïs considera útil deixar escapar o "Pff..." das risadas contidas, sem que uma linha se mova em seu rosto, e é para mim que a senhorita lança um olhar colérico com a promessa de uma punição.

Finalmente o Sr. Dutertre fala em voz alta e nos pergunta: "Estão estudando muito por aqui? Estão se comportando bem?"

– Comportam-se muito bem – responde a senhorita Sergent –, mas estudam muito pouco. Essas moças são tão preguiçosas!

Assim que vimos o belo médico virar-se em nossa direção, debruçamo-nos sobre os cadernos, com um ar diligente e concentrado, como se nos esquecêssemos da presença dele.

– Ah! Ah! – ele diz ao se aproximar de nossos bancos – Não estão estudando o suficiente? O que vocês têm em mente? Será que a senhorita Claudine não é mais a melhor em redação?

Eu tenho horror dessas redações! Temas estúpidos e abomináveis: "Imaginem os pensamentos e ações de uma menina cega." (Por que não surda e muda ao mesmo tempo?) Ou ainda: "Escrevam, a fim de representar seu retrato físico e moral, a um irmão que você não vê há dez anos." (Não tenho vínculo fraterno, sou filha única.) Ah, eu preciso me conter para não escrever piadas e conselhos subversivos, eles nem têm ideia! Mas como minhas colegas, todas elas – exceto Anaïs – se saem tão mal, eu sou, apesar de tudo, "uma aluna notável em composição literária".

Dutertre chegou onde queria e eu levanto a cabeça, enquanto a senhorita Sergent lhe responde:

– Claudine? Ah! Sim. Mas não é por empenho dela, ela é boa nisso e nem se esforça.

Ele está sentado na mesa, com uma perna pendurada, e fala comigo com intimidade, para não perder o hábito:

– Então, você é preguiçosa?

– Nossa, é meu único prazer na vida.

– Você não pode estar falando sério! Você gosta muito de ler, não é? O que você costuma ler? Tudo o que encontra? A biblioteca inteira do seu pai?

– Não, senhor, os livros chatos eu não leio.

– Aposto que você está estudando direitinho! Deixe-me ver seu caderno.

Para ler mais confortavelmente, ele apoia uma mão em meu ombro, enquanto enrola uma mecha dos meus cabelos.

A grande Anaïs fica mais amarela do que o normal: ele não pediu o caderno dela! Essa preferência vai me render beliscões escondidos, queixas maliciosas à senhorita Sergent e espionagens enquanto estiver conversando com a senhorita Lanthenay. Ela está perto da porta da pequena sala, a doce Aimée, e sorri para mim tão gentilmente, com seus olhos dourados, que eu quase me conformo por ter conversado com ela, hoje e ontem, apenas na frente das minhas colegas. Dutertre devolve meu caderno e acaricia meus ombros com um ar distraído. Ele não está prestando atenção no que está fazendo, obviamente, ob-via-men-te...

– Quantos anos você tem?

– Quinze.

– Mocinha excêntrica! Se você não fosse tão extravagante, iria se destacar ainda mais, sabia? Você vai se apresentar para o exame no próximo mês de outubro?

– Sim, senhor. Para agradar papai.

– Por causa do seu pai? O que isso tem a ver com ele? Então para você não faz diferença?

– Sim, vai ser divertido ver todas aquelas pessoas nos fazendo perguntas. Além do mais, se houver concertos na capital nessa época, vai ser ótimo.

– Você não vai para a Escola Normal?

Eu me sobressalto:

– De jeito nenhum!

– Por que tanta exaltação, mocinha exuberante?

– Não quero ir para lá, assim como não quis ir para uma pensão, porque ficamos trancadas.

– Ah, você valoriza tanto assim sua liberdade? Tenho até pena do pobre do seu marido! Deixe-me ver seu rosto. Você se sente bem? Um pouco anêmica, talvez?

Este bom médico me vira em direção à janela, com o braço ao meu redor, e mergulha os olhos de lobo nos meus,

que mantenho cândidos e sem mistério. Eu sempre tenho olheiras e ele pergunta se sinto palpitações e falta de ar.

– Não, nunca.

Eu abaixo os olhos, porque sinto que estou ficando vermelha (que tonta!) e também porque ele está olhando bastante para mim! Imagino a senhorita Sergent contorcendo-se atrás de nós.

– Você dorme a noite toda?

Fico furiosa por corar ainda mais ao responder:

– Sim, senhor, a noite toda.

Ele não insiste e levanta-se, soltando minha cintura.

– É, na verdade, você é bem saudável.

Uma pequena carícia em meu rosto e depois ele passa para a grande Anaïs, que está encolhida em seu banco.

– Deixe-me ver seu caderno.

Enquanto ele folheia o caderno rapidamente, a senhorita Sergent fulmina em voz baixa a primeira fileira (meninas de doze a quatorze anos que já começam a apertar a cintura e usar coques), pois a primeira fileira aproveitou a distração diretorial para entregar-se a uma folga dos diabos. Ouvimos tapas de régua nas mãos e guinchos de meninas sendo beliscadas. Elas vão ganhar uma detenção geral, com certeza!

Anaïs sufoca de alegria ao ver seu caderno em mãos tão majestosas, mas Dutertre certamente a considera pouco digna de atenção e, após alguns elogios e um beliscão na orelha, passa adiante. Ele fica alguns minutos perto de Marie Belhomme, cujo frescor moreno e tranquilo agrada-lhe, mas, imediatamente apavorada pela timidez, ela abaixa a cabeça como um carneiro, responde sim para não e chama Dutertre de "senhorita".

Quanto às duas irmãs Jaubert, ele elogia a bela caligrafia, como esperado. Finalmente, ele sai. Já vai tarde!

Faltam cerca de dez minutos para o término da aula, o que fazer com eles? Peço para sair para apanhar furtivamente um punhado da neve que ainda caía. Faço uma bola e a mordo: é gostoso e frio. Essa primeira neve que cai tem um pouco de cheiro de poeira. Eu a escondo no bolso e volto. Fazem sinais para mim ao meu redor, então passo a bola de neve que cada uma, com exceção das gêmeas exemplares, morde com expressões encantadas. Droga! A palerma da Marie Belhomme deixa cair o último pedaço e a senhorita Sergent percebe.

– Claudine! Você trouxe neve de novo? Isso está passando dos limites, afinal!

Ela revira os olhos tão furiosa que eu me seguro para não dizer "é a primeira vez desde o ano passado", pois tenho medo de que a senhorita Lanthenay seja afetada pela minha insolência e abro meu livro de História da França sem dizer nada.

Esta noite, terei minha aula de inglês e isso vai me consolar pelo meu silêncio.

Às quatro horas, a senhorita Aimée chega e entramos rapidamente, felizes.

Como é bom estar com ela na biblioteca quentinha! Coloco minha cadeira bem perto e encosto minha cabeça no ombro dela. Ela passa o braço ao meu redor e eu aperto a cintura dela, que se curva.

– Ah! Minha querida senhorita, faz tempo que não nos vemos!

– Mas...são apenas três dias...

– Não importa...cale-se e me dê um beijo! Você é malvada, pois o tempo, para você, passa rápido quando está longe de mim...Você fica tão entediada assim com essas aulas?

– Ah! Claudine! Pelo contrário, você bem sabe que só converso com você e que aqui é o único lugar onde me sinto bem.

Ela me dá um beijo e eu ronrono. De repente, aperto ela com tanta força que ela dá um gritinho.

– Claudine, precisamos estudar.

Ah! Que a gramática inglesa vá para o diabo! Prefiro descansar minha cabeça no peito dela. Ela acaricia meus cabelos ou meu pescoço e escuto em meu ouvido o batimento acelerado de seu coração. Me sinto tão bem com ela! No entanto, é preciso pegar uma caneta bico de pena e pelo menos fingir estar estudando! Na verdade, para quê? Quem poderia entrar? Papai? Até parece! No cômodo mais desconfortável do primeiro andar, onde faz muito frio no inverno e muito calor no verão, papai se tranca corajosamente, absorvido, cego e surdo aos ruídos do mundo, para...Ah! É mesmo...vocês nunca leram, porque nunca será concluído, o grande trabalho dele sobre a *Malacologia de Fresnois*. Então, vocês nunca vão saber que, após experimentos complicados, uma dedicação angustiante que o prendeu por horas e horas sobre inúmeras lesmas fechadas em pequenas conchas de vidro e em caixas de treliça metálica, papai chegou a essa conclusão avassaladora: um *limax flavus* devora em um dia até 0,24 gramas de comida, enquanto a *helix ventricosa* consome apenas 0,19 gramas no mesmo período! Como vocês esperam que a esperança nascida de tais constatações possibilite a um malacologista apaixonado o sentimento de paternidade, das sete da manhã às nove da noite? Ele é o melhor homem e o mais doce, entre duas refeições de lesmas. Ele observa-me viver, quando tem tempo, com admiração inclusive e surpreende-se ao me ver existir, "como uma pessoa de verdade". Ele ri disso com seus pequenos olhos furtivos, com seu nobre nariz bourbon (onde ele arranjou

esse nariz nobre?), com sua bela barba de três cores misturadas, ruivo, cinza e branco...ali, várias vezes vi brilharem pequenos rastros de lesmas!

Pergunto a Aimée com indiferença se ela voltou a ver os dois colegas, Rabastens e Richelieu. Ela fica animada, o que me surpreende:

– Ah, é verdade, eu não contei a você...agora estamos dormindo na escola infantil, pois estão demolindo tudo. Pois bem, ontem à noite, eu estava estudando no meu quarto, por volta das dez horas, e ao fechar as janelas para dormir, vi uma grande sombra passeando debaixo da minha janela, nesse frio. Adivinhe quem era?

– Um dos dois, claro.

– Sim! Mas era o Armand. Você poderia imaginar que aquele medroso faria isso?

Eu respondo que não, mas, ao contrário, eu certamente poderia esperar isso daquele grande ser sombrio, de olhos sérios e escuros, que me parece muito menos idiota que o alegre marselhês. No entanto, vejo a cabeça de passarinho da senhorita Aimée já desequilibrada por causa dessa pequena aventura e isso me deixa um pouco triste. Eu pergunto a ela:

– Como assim? Você já acha esse grande corvo digno de tanto interesse?

– Mas claro que não! Só acho divertido.

Mesmo assim, a aula termina sem muito entusiasmo. Apenas ao sair, no corredor escuro, beijo com toda a minha força aquele belo pescoço branco, aqueles cabelos cheirosos. Beijá-la é bom como beijar um animalzinho quente e bonito, e ela me devolve o beijo com ternura. Ah! Eu a teria perto de mim o tempo todo, se pudesse!

Amanhã é domingo, não tem escola. Que chatice! Eu só me divirto lá.

Naquele domingo, fui passar a tarde na fazenda onde a Claire mora, minha doce e gentil irmã de primeira comunhão que já não frequenta a escola há um ano. Descemos o caminho dos Matignons, que dá na estrada da estação de trem, um caminho arborizado e escuro de tantas árvores, no verão. Naqueles meses de inverno, não há mais folhas, é claro, mas ainda ficamos bem escondidas lá dentro, para poder espionar as pessoas que se sentam nos bancos da estrada. Caminhamos na neve que estala. As pequenas poças congeladas gemem musicalmente sob o sol, com o som encantador, semelhante a nenhum outro, do gelo se partindo. Claire sussurra sobre os primórdios de amores com os rapazes na festa de domingo na casa dos Trouillard, rapazes rudes e grosseiros. Eu estremeço ao ouvi-la:

– Sabe, Claudine, Montassuy também estava lá e dançou polca comigo, me apertando forte contra ele. Naquele momento, Eugène, meu irmão, que estava dançando com a Adèle Tricotot, largou a parceira de dança dele e pulou para dar uma cabeçada em um dos lampiões que estavam pendurados. O vidro do lampião caiu e a chama se apagou. Enquanto todos olhavam e diziam "Oh!", o gordo Féfed girou o botão do outro lampião e tudo ficou escuro, bem escuro, havia apenas um candelabro lá no fundo da mesinha de bebidas. Minha querida, até a senhora Trouillard trazer os fósforos, só se ouvia gritos, risadas e sons de beijos. Meu irmão segurava a Adèle Tricotot ao meu lado e ela suspirava, suspirava e dizia: "Me larga, Eugène", com uma voz abafada como se tivesse as saias na cabeça. O gordo do Féfed e a "dama" dele haviam caído no chão. Eles riam, riam tanto, que não conseguiam se levantar!

– E você e o Montassuy?

Claire ficou vermelha com um pudor indolente:

– Ah! Então...No primeiro momento, ele ficou tão surpreso ao ver os lampiões apagados que apenas continuou segurando a minha mão. Então, ele me segurou novamente pela cintura e sussurrou baixinho: "Não fique com medo". Não disse nada e senti que ele se inclinou, beijou suavemente meu rosto, às cegas, e estava tão escuro que ele errou o alvo (pequeno Tartufo!) e me beijou na boca. Eu senti tanto prazer, tanta felicidade e tanta emoção que quase caí. Ele me segurou, apertando-me ainda mais. Ah! Ele é tão gentil, eu o amo.

– E depois, assanhada?

– Depois, a senhora Trouillard reacendeu os lampiões, resmungando, e jurou que se tal coisa acontecesse novamente, ela faria uma denúncia e o baile acabaria.

– No fim das contas, foi um bem enfadonho! Shiii! Silêncio! Quem está vindo ali?

Estávamos sentadas atrás de uma cerca de espinhos, bem perto da estrada que passava dois metros abaixo de nós e tinha um banco na beira de um fosso, um esconderijo maravilhoso para ouvir sem sermos vistas.

– São os professores assistentes!

Sim, era Rabastens e o sombrio Armand Duplessis que andavam conversando, um encontro inusitado! O avantajado Antonin quis sentar-se no banco, por causa do sol pálido que o aqueceria um pouco. Ouviríamos a conversa deles, então vibramos de alegria do nosso lado, acima das cabeças deles.

– Ah! – suspira o sulista satisfeito – Está um pouco mais *quennte* aqui. Você não acha?

Armand resmunga algo indecifrável. O marselhês volta a falar. Falaria até sozinho, tenho certeza!

– Veja bem, sinto-me satisfeito neste lugar: essas senhoras professoras são muito amáveis. A senhorita Sergent é feia,

credo! Mas a doce senhorita Aimée é tão adorável! Sinto-me mais confiante quando ela olha para mim.

O ardiloso Richelieu endireita-se e solta a língua:

– Sim, ela é atraente e tão meiga! Ela está sempre sorrindo e tagarela como um pintassilgo.

Mas ele reprime imediatamente seu desabafo, depois retoma em um tom diferente: "É uma moça adorável, você certamente vai ganhar o coração dela, Don Juan!"

Quase dei uma gargalhada. Rabastens de Don Juan! Imaginei um chapéu com pena na cabeça redonda com bochechas rechonchudas...Lá em cima, inclinadas em direção à estrada, ríamos com os olhos, ambas sem mexer um músculo.

– Mas, sinceramente – continua o galanteador do ensino primário – há outras garotas bonitas além dela, até parece que você não viu! Outro dia, na sala de aula, a senhorita Claudine cantou de uma maneira encantadora (e posso dizer que sei do que estou falando, hein?). Ela não passa despercebida, com aqueles cabelos que caem pelos ombros e ao redor dela, e aqueles olhos castanhos cheios de malícia! Meu caro, eu acredito que essa garota sabe de coisas que nem deveria saber, muito além de geografia!

Tive um pequeno sobressalto de surpresa e quase fomos pegas, porque a Claire soltou uma risadinha que poderia ter sido ouvida. Rabastens, sentado ao lado de Duplessis, que está absorto, fica agitado e sussurra algo no ouvido dele, rindo maliciosamente. O outro sorri, eles se levantam e vão embora. Nós duas, lá em cima, dançamos extasiadas, dançamos "desvairadas" de alegria, tanto para nos aquecer quanto para celebrar aquela espionagem deliciosa.

Voltando para casa, já começo a elaborar artimanhas para atiçar o gordo e ardente Antonin, só para passar o tempo do recreio quando estiver chovendo. E eu pensando que ele

planejava conquistar a senhorita Lanthenay! Fico muito feliz por ele não estar tentando conquistá-la, pois a pobre Aimée me parece tão romântica que até mesmo um Rabastens poderia conseguir, não é mesmo? É verdade que Richelieu está ainda mais encantado por ela do que eu imaginava.

Às sete horas da manhã, entro na escola. É minha vez de acender o fogo, droga! É preciso quebrar lenha no celeiro, e machucar as mãos, e carregar toras, e soprar, e receber nos olhos a fumaça ardente...Veja só, o primeiro prédio novo já está bem alto, e no dos meninos, idêntico, o telhado está quase pronto. Nossa pobre e velha escola quase toda demolida parece um reles pardieiro perto desses dois edifícios que tão rapidamente se ergueram do chão. A grande Anaïs junta-se a mim e vamos quebrar a lenha juntas.

– Você sabia, Claudine, que hoje chega uma segunda auxiliar e todas nós seremos obrigadas a ir para outra sala? Vão nos colocar na escola infantil.

– Ótima ideia! Vamos pegar pulgas e piolhos lá naquela imundície.

– Sim, mas ficaremos mais perto da sala dos garotos, minha cara.

(Que desavergonhada, essa Anaïs! Embora tenha razão.)

– Isso é verdade. Bem, porcaria de fogo! Já faz dez minutos que estou gastando todo ar dos meus pulmões. Ah! O senhor Rabastens deve pegar fogo mais fácil!

Aos poucos, o fogo decide pegar, as alunas chegam, a senhorita Sergent está atrasada (por que será? É a primeira vez). Finalmente, ela desce, responde nosso "Bom dia" com uma cara preocupada, depois se senta em sua mesa e diz: "Em seus lugares", sem olhar para nós e claramente sem prestar atenção em nós. Eu copio a lição perguntando-me quais pensamentos a estão incomodando e percebo com surpresa e apreensão que, de tempos em tempos, ela me lança olhares

rápidos, ao mesmo tempo furiosos e vagamente satisfeitos. O que está acontecendo? Eu não estou nada, nada tranquila. Tento me lembrar de alguma coisa...Não consigo pensar em nada, a não ser que ela nos observou enquanto saíamos para a aula de inglês, a senhorita Lanthenay e eu, com uma raiva quase dolorosa, que ela não conseguia disfarçar. Ah! Não é possível! Então não vão nos deixar em paz, minha querida Aimée e eu? Mas não estamos fazendo nada de errado! Nossa última aula de inglês foi tão agradável! Nem abrimos o dicionário, nem o "Guia de frases úteis", nem o caderno...

Imagino e fico furiosa enquanto copio a lição, com uma caligrafia desleixada. Anaïs me observa e percebe que tem "alguma coisa". Olho novamente para a terrível ruiva de olhos invejosos, enquanto pego a caneta bico de pena que joguei no chão em um conveniente descuido. Ela esteve chorando, tenho certeza! Mas o que serão esses olhares zangados e quase satisfeitos? Isso não está bom, definitivamente preciso conversar com Aimée hoje. Não consigo mais prestar minimamente atenção na questão que estou copiando:

"*...Um operário finca estacas para fazer uma cerca. Ele coloca-as a uma distância tal que o balde de concreto no qual ele mergulha a extremidade inferior até uma altura de trinta centímetros esvazia-se após três horas. Dado que a quantidade de concreto que permanece na estaca é equivalente a dez centímetros cúbicos e que o balde é um cilindro com 0,15m de raio na base, 0,75m de altura, cheio em ¾ e que o operário mergulha quarenta estacas por hora e descansa por oito minutos, aproximadamente, no mesmo período, qual é a quantidade de estacas e qual é a área da propriedade, que tem a forma de um quadrado perfeito? Diga também qual seria a quantidade de estacas necessárias se elas fossem colocadas a dez centímetros a mais de distância. Diga também o custo dessa operação nos*

dois casos, sendo que as estacas custam 3 francos o cento e o operário recebe 50 centavos de franco por hora."

Será que não deveríamos também dizer se o trabalhador está feliz com sua família? Ah! Que imaginação doentia, que cérebro depravado elabora esses problemas revoltantes que usam para nos torturar? Eles são abomináveis! E os operários que se unem para complicar a quantidade de trabalho que são capazes de realizar, que se dividem em dois bandos, sendo que um gasta 1/3 a mais de força do que o outro, enquanto o outro, por sua vez, trabalha duas horas a mais! E a quantidade de agulhas que uma costureira gasta em vinte e cinco anos se usar agulhas que custam cinquenta centavos de franco o pacote, durante onze anos, e agulhas de setenta e cinco centavos de franco pelo resto do tempo, mas as setenta e cinco centavos são...etc., etc. E as locomotivas que complicam diabolicamente suas velocidades, seus horários de partida e o estado de saúde de seus maquinistas! Suposições detestáveis, hipóteses inverossímeis, que me tornaram avessa à aritmética por toda a minha vida!

– Anaïs, vá até o quadro.

A grandona se levanta e, discretamente, faz para mim uma careta de gato coagido. Ninguém gosta de "ir até o quadro" diante do olhar negro e vigilante da senhorita Sergent.

– *Resolva* o problema.

Anaïs o "resolve" e explica a resolução. Aproveito para analisar a professora à vontade: os olhos dela brilham, os cabelos ruivos resplandecem...Se ao menos eu tivesse visto a Aimée Lanthenay antes da aula! Bom, o problema está resolvido. Anaïs respira aliviada e volta ao lugar dela.

– Claudine, venha até o quadro. Escreva as frações:

$$\frac{3.225}{5.712}, \quad \frac{806}{925}, \quad \frac{14}{56}, \quad \frac{302}{1.052}$$

(Meu Deus! Livrai-me das frações divisíveis por 7 e por 11, assim como daquelas divisíveis por 5, por 9, por 4, por 6 e por 1.127) e encontre o maior divisor comum entre elas.

Isso é exatamente o que eu temia. Começo descontente, faço algumas bobagens, pois não estou prestando atenção no que estou fazendo. Os pequenos deslizes que me permito fazer são rapidamente repreendidos de um gesto seco com a mão ou com um franzir de sobrancelhas! Finalmente, consigo resolver, volto ao meu lugar e disparo: "Ninguém tem senso de humor aqui, hein?", pois quando ela advertiu: "Você esqueceu de reduzir os zeros", eu respondi:

– Os zeros sempre devem ser reduzidos, eles merecem.

Depois de mim, Marie Belhomme foi até o quadro, repleta da maior autoconfiança do mundo, como sempre: eloquente e segura de si quando não tem ideia do que fazer, indecisa e ruborizada quando se lembra da lição anterior.

A porta da pequena sala abriu-se e a senhorita Lanthenay entrou. Olho para ela avidamente: Ah! Aqueles pobres olhos dourados choraram e estavam inchados na parte de baixo, queridos olhos que me lançam um olhar atônito e desviam-se rapidamente! Fico consternada. Meu Deus, o que será que Ela fez com a Aimée? Fico vermelha de raiva, de tal forma que a grande Anaïs percebe e ri baixinho. A melindrosa Aimée pede um livro à senhorita Sergent, cujas bochechas se alteram para um carmim mais escuro, que o entrega a ela com uma prontidão notável. O que significa tudo isso? Quando penso que a aula de inglês só acontecerá amanhã, fico ainda mais angustiada. Mas o que posso fazer? A senhorita Lanthenay volta para a sala dela.